



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

AS INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS EM MATO GROSSO DO SUL: MAPEANDO FONTES HISTORIOGRÁFICAS

Celi Correa Neres¹; Marilene Mauricia da Silva Lima²

UEMS-Unidade Universitária de Campo Grande. Rua dos Dentistas, 500, Campo Grande- MS, email:celi@uems.br;mary.mau10@hotmail.com

¹Orientadora do Projeto de PIBIC/UEMS/CNPq;

²Bolsista PIBIC/UEMS/CNPq

RESUMO

Esse projeto tem como objetivo levantar e mapear as fontes documentais sobre as instituições escolares especializadas que atendiam alunos com deficiência existentes de 1951 a 1979 em Mato Grosso do Sul, com vistas a registrar e recuperar a memória dessas instituições e, como consequência, a história da educação especial nesse período. Para tanto, a metodologia a aplicada lança mão da historiografia e dos recursos técnicos da Arquivologia para a organização documental, por meio de levantamento e guarda de fontes. Foram levantadas e mapeadas fontes que se fizeram disponíveis. Tais fontes constituirão ferramenta para o registro da história das instituições escolares especializadas no âmbito da sociedade como expressão de necessidades, intencionalidades e contradições. A proposta compõe o Projeto de Pesquisa “Centro de documentação em educação, diversidade cultural e linguagens de Mato Grosso do Sul” que tem como objetivo geral “Constituir o Centro de Documentação em Educação, Diversidade Cultural e Linguagens de Mato Grosso do Sul dotando-o da ampliação de seu acervo, da organização, armazenamento e estrutura para consulta e disseminação das informações contidas nas fontes primárias e secundárias. Foram colhidas fontes das primeiras instituições em Campo Grande – MS, o Instituto Sul-Matogrossense Para Cegos “Florivaldo Vargas”, criado em 1957, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) fundada em 1967, e a Sociedade Pestalozzi de Campo Grande criada em 1979. No entanto, ficou explicitada a ausência de documentos e dados sobre fontes primárias das instituições procuradas no decorrer desta investigação. Para uma compreensão do todo, foram realizadas incansáveis buscas e investigações de qualquer fonte que se fizesse possível encontrar, porém os objetos encontrados resumem-se em algumas fotos e depoimentos de pessoas que fizeram parte do início da história dessas instituições.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Palavras-Chave

Fontes, educação, inclusão

INTRODUÇÃO

A história da educação especial é marcada pela atuação das instituições especializadas. No Brasil, o atendimento aos alunos com deficiência iniciou-se com o trabalho dessas instituições. Em Mato Grosso do Sul, o atendimento educacional dos alunos com deficiência foi iniciado pelas instituições privadas filantrópicas, subvencionadas pelo Estado, tais como o Instituto Sul-Matogrossense Para Cegos “Florivaldo Vargas”, em 1957, a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais em 1967, e a Sociedade Pestalozzi de Campo Grande em 1979.

Registra-se aqui a inexistência de pesquisas que se dedicam ao levantamento de registros e fontes da constituição dessas instituições, o trabalho por elas desenvolvido e as interações com a história de educação especial no estado de Mato Grosso do Sul. Assim, a proposta que aqui se apresenta reveste-se de grande relevância, ao tomar como objeto, o surgimento dessas instituições, o trabalho didático desenvolvido e as propostas para a educação dos alunos com deficiência.

Utiliza-se, no contexto dessa proposta de pesquisa um conceito ampliado de fontes como tudo aquilo que expressa as relações entre os homens e podem se constituir em objeto para o pesquisador. Parte-se do entendimento que o conhecimento é produzido por meio do confronto do material empírico com fontes e iluminado pela teoria. Nessa perspectiva, ilustra-se essa configuração a partir do se convencionou a definir como documento, de acordo com Le Goff:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

em primeiro lugar analisados desmistificando-lhes o seu significado aparente. (LE GOFF, 1994, p. 547-548).

Desta forma, é possível afirmar que as fontes, entre elas os documentos, revestem-se de intencionalidade e são reveladores de um determinado contexto, época, situação e prática. Para Mazzotti e Gewandsznajder,

Considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reunião, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc., podem nos dizer muita coisa sobre os princípios e normas que regem o comportamento de um grupo e sobre as relações que se estabelecem entre diferentes subgrupos. Cartas, diários pessoais, jornais, revistas, também podem ser muito úteis para a compreensão de um processo ainda em curso ou para a reconstituição de uma situação passada. No caso da educação, livros didáticos, registros escolares, programas de curso, planos de aula, trabalhos de alunos são bastante utilizados. (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p.169)

Ludke e André (1986, p.39) consideram que os documentos constituem-se em uma “fonte estável e rica”, o que permite ao investigador um leque variado de informações e ainda possibilita voltar às fontes sempre que for necessário confirmar dados ou reafirmar as hipóteses de pesquisa.

Torna-se importante compreender o conceito de fonte histórica para ter condições de fazer uma correta identificação do material de pesquisa ao deparar-se com ele, ao mesmo tempo, definir as confiáveis. Entende-se por fonte, um documento, vestígio ou indício que foram sendo acumulados com o tempo, porém esses objetos mencionados só adquirem estatuto de fonte quando diante de um historiador, puderem levar respostas às questões que porventura surgirem. Para Saviani (2006, 28-29).

Fonte é uma palavra que apresenta, via de regra, duas conotações. Por um lado, significa o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente e inesgotavelmente. Por outro lado, indica a base, o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca compreender. Além disso, a palavra *fonte* também pode se referir a algo que brota espontaneamente, “naturalmente” e a algo que é construído artificialmente. Como ponto de origem, *fonte* é sinônimo de *nascente* que corresponde também a *manancial* o qual, entretanto, no plural, já



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

se liga a um repositório abundante de elementos que atendem a determinada necessidade.

Quando se questiona o modo como o conhecimento é produzido ou estruturado é possível se organizar novas descobertas, nesse momento a consciência da importância da pesquisa histórica para a produção do conhecimento, claro que jamais se deve retirar o acontecimento de seu contexto social e momento temporal que aconteceu com risco de causar um dano a verdade ou a aproximação mais exata desta. Marquezine (2009) elucida essa temática sobre o documento com fonte histórica para a produção da história como pode ser constatado a seguir:

[...] Todo documento ou fonte é algo que foi guardado e posteriormente recuperado para ser utilizado como meio de comprovar um evento ou um conjunto de ações humanas ou naturais, o que deve ser ressaltado é a sua parcialidade enquanto registro de algo passado; nesse sentido, é preciso estabelecer as muitas fontes ou registros disponíveis para a pesquisa histórica, que não deve jamais centrar-se apenas em um único registro; porém, não são as fontes que se autodeterminam pertinentes, mas sim o critério de sua seleção é sempre as questões que o historiador direciona à sua investigação. [...] (MARQUEZINE, 2009, p. 98)

Na abordagem da educação especial no Brasil, o que pode ser percebido é o fato de ser assunto bastante recente, confundindo com a própria história da educação do país. Os primeiros lugares a receber pessoas com deficiência foram os hospitais para atendimento médico, como aponta Marquezine (2009)

[...] São as santas casas em Santos, Salvador e Rio de Janeiro os primeiros lugares a receber os chamados desvalidos ou doentes. Essas instituições constituíram-se também em grandes depositários de documentos históricos a respeito dos chamados deficientes. Seus registros apontam o atendimento à pessoa com deficiência física e/ou mental e indicam as formas de diagnósticos, de tratamento médico, e aconselhamentos educacionais. Tais registros trazem as marcas de toda uma época, refletem o ideário científico e deixam transparecer as representações, os preconceitos e os valores de senso comum daqueles que os produziram. [...] (MARQUEZINE, 2009, p. 99)



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A PESQUISA NO CAMPO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Os estudos centrados nas instituições escolares tomaram vulto, a partir dos anos 1990 período que guarda correspondência com as alterações na produção teórica sobre a história da educação que passou a privilegiar diversos temas, tais como: instituições escolares, cultura escolar, formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, gênero e infância, dentre outros. O alargamento do uso das fontes também se fez sentir na investigação científica, incorporando as discussões presentes nos historiadores da *Escola dos Annales*, que rompem com a dominância do documento textual, produzido por instituições oficiais, como fonte para as pesquisas. Assim, a consideração sobre o que pode ser fonte para pesquisa abarca outras possibilidades ao lançar mão de vários dispositivos tais como os audiovisuais, arquitetônicos, narrativas, objetos do cotidiano, dentre outros.

Incorporando elementos da História Nova no estudo sobre instituições escolares, o pesquisador português Justino Magalhães conceitua a organicidade da instituição escolar:

As instituições escolares são organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional é fator de conflito entre os campos da liberdade, da criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores e o normativismo burocrático e político-ideológico estruturante. (MAGALHÃES, 2004, p. 124).

Para o autor, a renovação do conhecimento historiográfico produziu abordagens que seriam fecundas para entender as questões educacionais que dizem respeito aos aspectos materiais e simbólicos, entre o que está instituído, representado e apropriado, de forma relacional. Assim, ao refletir sobre a mesoabordagem vinculada a



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

essa tipologia de conhecimento historiográfico, o autor aponta para as possibilidades do percurso investigativo centrado na pluralidade de fontes:

[...] passa pela integração das instituições nas paisagens física e humana e se alarga da estrutura arquitetônica das edificações e dos espaços aos aspectos simbólicos, relações de comunicação e de poder, memórias individuais e memória coletiva, relação educativa. A evolução arquitetônica, a gestão/adaptação dos espaços e das estruturas, os ciclos de procura de instrução, os ciclos de renovação dos recursos humanos e materiais, as políticas de habilitação e recrutamento do pessoal docente, as políticas de admissão e de sucesso dos alunos são fatos, acontecimentos e combinatórias, que não só não podem ser deixados de fora na preparação do discurso, integrador e problematizante da síntese histórica, como são fundamentais enquanto fatores de ação e de informação e como vias de estruturação de investigação. (Id. Ibid., p. 126).

A importância em se estudar instituições escolares está estreitamente vinculada ao entendimento do que vem a ser educação que, conforme Magalhães:

Sendo algo que se imagina, que se projeta, a educação é ato/atualização; é presente com sentido de futuro-presente complexo, que se traduz numa atualização do sujeito, nos planos relacional, afetivo, cognitivo, axiológico. Intervindo de forma crítica e responsável, o sujeito perspectiva e constrói o ser, estando (participando). Estar e ser constituem-se pela educação como facetas de um mesmo processo/percurso de responsabilização/subjetivação. O processo de subjetivação como metaeducação requer participação crítica, responsabilização. (Id. Ibid., p. 21).

Problematizando a produção teórica sobre instituições escolares Sanfelice (2009) incide sua crítica aos denominados novos paradigmas em razão da desconexão com a totalidade e a singularidade que se volta para ela mesma e sem o vínculo com o grupo social. Para o autor, as razões para o estudo das instituições escolares estão postas nos seguintes termos:

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas. Mas o essencial é tentar responder à questão de fundo: o que esta instituição singular instituiu? O que ela instituiu para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida? Mais radicalmente ainda: qual é o sentido do que foi instituído? [...] Então, podemos dizer que se produz um trabalho historiográfico das Instituições Escolares para interpretar o sentido daquilo que elas formaram, educaram, instruíram, criaram e fundaram, enfim, o sentido da sua identidade e da sua singularidade. (SANFELICE, 2006, p. 24).

Assim, reafirmando este entendimento o autor pontua:

Nenhuma Instituição Escolar tem o sentido da sua singularidade explicitado, se tomada apenas em si mesma. Uma instituição escolar avança, projeta-se para dentro de um grupo social. Produz memórias ou imaginários. Mobiliza ou desmobiliza grupos de pessoas e famílias; assinala sua presença em comemorações, torna-se notícia na mídia, ou seja, é muito, mas muito mais mesmo do que um prédio que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem, aprenderem etc. O movimento inverso também ocorre, pois a instituição é objeto de interesses contraditórios de ordem econômica, política, ideológica, religiosa e cultural, dentre outros. (SANFELICE, 2006, p. 25).

Ao largo dessas discussões, concordamos com Buffa e Nosella (2005, p.262) ao afirmarem que o importante no método “não está na consideração abstrata dos dois termos, escola e sociedade, relacionados *a posteriori*, mas na relação constitutiva entre eles, pois esses termos só existem nessa condição”. Isto implica no entendimento de que a criação e existência de uma dada instituição escolar estão estreitamente vinculadas à concretude histórica e social sob a qual a educação se materializa. Neste sentido, devem-se evidenciar as mediações existentes entre o singular e a totalidade, evidenciando as relações da instituição com o contexto econômico, social, político e cultural.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Stein (2008) realizou, em sua pesquisa de mestrado, a análise da produção da pós-graduação em história, cursos e programas de história no Brasil, de 1974 a 1994, a respeito da Educação. A autora tomou como base os resumos de Capelato (1995), bem como catálogos que estavam sendo preparados para publicação pela Associação Nacional da Pós-graduação em História- ANPUH. O objetivo primordial da pesquisa foi conhecer a produção a respeito de educação dos cursos e programas de história no Brasil, de 1974 a 1994. Foi constatado que a educação foi tema de 100 (cem) pesquisadores desses programas e cursos, cujas dissertações e teses constituíram o campo de investigação da pesquisa.

No item área de concentração, destaca-se numérica, institucional e temporalmente a história das instituições, com 34 (trinta e quatro) dissertações e teses. A segunda maior concentração foi em história das disciplinas, com 12 (doze) títulos e a terceira foi em história dos movimentos sociais, com 8 (oito) títulos. Stein (2008) considerou este item de classificação para realizar a definição da amostra e selecionou 2 (duas) teses e 8 (oito) dissertações de história das instituições escolares.

Esses dados demonstram a fecundidade da pesquisa na área das instituições escolares como ferramenta que possibilita conhecer a trajetória educacional de um grupo, da história da educação, de abordagens pedagógicas e outras áreas importantes de estudo e investigação no campo da educação. Especialmente nessa pesquisa, o que se pretende é registrar fontes que possam evidenciar a história das instituições especializadas que se dedicaram à educação das pessoas com deficiência em Mato Grosso do Sul.

RESULTADO DA PESQUISA DOCUMENTAL

Na perspectiva de que documentos podem assumir vários suportes além do textual e, ainda, diante da ausência dessa tipologia de fontes documentais, realizamos, entrevistas orais que puderam constituir um Fundo Documental intitulado “Instituições



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Educacionais Especializadas.” Cabe ressaltar que entende-se por fundo Documental o que preconiza a Arquivologia, isto é, um “conjunto de documentos de uma mesma proveniência.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 97).

Compondo o Fundo “Instituições Educacionais Especializadas” organizamos a série documental Entrevistas Orais, composta por 2 entrevistas orais; série fotografias composta 11 fotos; 01 Ata. Entende-se por fontes documentais “uma subdivisão do quadro de arranjo, que corresponde a uma sequência de documentos relativos a uma mesma função, atividade, tipo documental ou assunto”. (id.Ibid. p.153, grifo do autor)

A presença das instituições especializadas na trajetória da educação especial em Mato Grosso do Sul é marcada pela presença da iniciativa privada tanto na organização como no financiamento de parte das despesas com a educação especial, tais como serviços médicos, terapêuticos, entre outros, como afirma Neres (1999):

[...] A ampliação dos serviços especiais veio atender à necessidade de assistir nas áreas de saúde, educação e garantir ocupação. Engajada na expansão da escola regular, a educação especial passa a oferecer atendimento ao PNE com o mesmo objetivo que cumpre do ensino comum: ocupar o tempo livre das crianças e liberar a família para o trabalho. O Estado é o responsável pelo financiamento desses serviços, em sua maioria de caráter público. Ao lado do setor público, temos a criação de instituições particulares especializadas, de caráter filantrópico, que também recebem auxílio financeiro do Estado, no que se refere à cedência de pessoal e repasse de verbas, além de doações, serviços voluntários e organização de eventos beneficentes.[...] (NERES, 1999, p. 53)

Em Mato Grosso do Sul, lócus dessa pesquisa não foi diferente. Destaca-se que a educação especial iniciou-se com o atendimento das instituições. Embora a análise das fontes não seja objeto dessa pesquisa, foi feito um esforço de apresentar e descrever algumas das fontes coletadas que servem de elementos para registro da história dessas instituições.

A primeira instituição visitada para coleta de fontes documentais foi o Instituto Sul-Matogrossense de Assistência ao Cego (ISMAC), localizado na Rua 25 de Dezembro, centro. Os registros apontam que em Janeiro de 1957, um grupo de



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

voluntários reuniu-se para organizar uma sociedade que pudesse dar assistência ao cego. Sua primeira sede foi instalada na Rua 7 de Setembro, o início de suas atividades foi marcada pelo trabalho de vendas de mercadorias compradas pelo instituto. Essas vendas eram feitas pelos próprios cegos.

O trabalho de alfabetização teve início no ano de 1958, pelo sistema Braille e em 1963 iniciou-se a inclusão de alunos no ensino regular. Na sede atual, fomos recepcionadas pela Diretora que informou a dificuldade de resgatar qualquer documento da época de sua fundação, por conta da falta de lugar apropriado para armazenamento, porém tive a oportunidade de conversar com um aluno da década de 1980, L. H. A, veio de Marília- SP e aos 11 anos entrou para a instituição com finalidade de independência financeira, além de ter acompanhamento psicológico e pedagógico. Estudou na Escola Estadual Lucia Martins Coelho onde fazia as atividades e provas em Braille e a professora traduzia e devolvia para a escola. Continuou seus estudos na UCDB. Lá cursou Pedagogia e posteriormente concluiu o curso de Direito na Anhanguera. Atualmente trabalha no Tribunal Regional Eleitoral (TRE). Perguntei ao final da conversa o que o ISMAC significava para ele e sua resposta foi rápida: “minha vida, meu porto seguro”.

Com a possibilidade de ter acesso às alguma fonte, retornarmos à instituição para digitalização de documentos que fossem disponibilizados, no entanto só conseguimos uma entrevista com primeira secretária da instituição, sra. Maria Garcia. Quando questionamos sobre a chegada do Sr. Florivaldo Vargas, fundador do Instituto Sul-Mato-grossense para Cegos em Campo Grande, ela narrou:

Florivaldo morava em Lins SP com a família, mas tinha notícias da cidade de Campo Grande, como sendo uma cidade bem desenvolvida, com possibilidade de desenvolver alguma atividade social. Resolveu vir para cá, de trem, trazendo materiais para venda (vassouras, objetos de limpeza) feitos pelos próprios cegos. Entrando em contato com várias pessoas, formou um círculo de amizade



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

que deu a confiança e certeza de poder montar uma casa para abrigar as pessoas cegas, pois havia pesquisado e descobriu que havia muitos cegos não só na capital, mas também do interior. E todos poderiam vir para essa casa para um tratamento ou acolhimento, caso precisassem. E assim começou a fazer sócios, minha mãe foi a sócia número um do Instituto Mato-grossense para cegos. Passamos a ver que o trabalho era promissor, um homem bem intencionado, pretendia trazer a família pra cá, e dar assistência para as pessoas com deficiência visual.

Alugou uma casa na Rua Sete de setembro, foi a Lins trouxe a família. Começou a desenvolver esse trabalho convocando entidades de classes como a Lions, instituições religiosas e convocou uma assembléia geral para dizer seus propósitos, resultando no início de uma instituição: Instituto Mato-grossense para cegos, somente após sua morte é que passou a ser chamado de Instituto Florivaldo Vargas.

Alguns vieram de Lins de outras cidades próximas, e as pessoas vieram formar residência e desenvolver um trabalho em favor dos cegos. Assim começou, com uma diretoria provisória que instituíram as primeiras atividades, as primeiras normas de trabalho depois quando realizou a primeira assembléia, tivemos o Sr. Humberto Rossi como primeiro presidente, pessoa de grande influencia e condição financeira, de grande credibilidade, homem trabalhador. E escolheram a mim como a primeira secretária, se olhar os livros de ata do instituto vai encontrar muitas atas elaboradas por mim.

A minha família toda se envolveu com o instituto, e o trabalho foi se desenvolvendo aos poucos. E o Sr. Florivaldo residiu aqui até sua morte. (Maria Garcia, primeira secretária do ISMAC)

O depoimento ilustra a batalha de um homem que ficou cego já na idade adulta, porém, sem olhar para sua dificuldade, lutou pelo direito de assistência especializada aos cegos. Pode-se notar a importância do papel da instituição, como promotora do desenvolvimento intelectual e profissional da pessoa cega, como também a importância do atendimento precoce dentro das três linhas de ação: saúde, educação e assistência social e evidencia ainda, que a fundação das instituições especializadas, emergem por iniciativas privadas e particulares, fato já registrado por pesquisadores da educação especial, Jannuzzi (2004); Neres (2006); Mazzota (1999).



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A segunda instituição pesquisada foi na Sociedade Pestalozzi que atende alunos com deficiência mental e/ou distúrbio neuro-motor. A instituição teve início de suas atividades em 1979, com proposta de trabalho de reabilitação física e profissionalização. Fomos recebidos pela Diretora que nos encaminhou até o coordenador de comunicação. Ele nos apresentou um trabalho que já vinha desenvolvendo constando de alguns recortes de jornais antigos com notícias de eventos da década de 80, promovidos para arrecadar fundos.

Na escola conhecemos um funcionário que foi aluno também da década de 1980, S. M. B. que em março de 1990, tornou-se membro da equipe. S.M.B contou com todo apoio dos professores para seu desenvolvimento e o resultado de seu esforço é o trabalho junto ao coordenador, onde sente-se realizado e muito feliz.

A instituição foi fundada com proposta de trabalho de reabilitação física e profissionalização. Sua filosofia era educar para integrar, partindo dessa idéia, também foi criada a Escola clinica Raio de Sol, ligada à instituição, trabalha com a estimulação precoce e com a profissionalização por meio de oficinas pedagógicas. Em uma das várias visitas, prontamente recebida pela diretora, novamente recebemos a informação da inexistência de documentos antigos além da primeira ata, porém conseguimos entrevista com um de seus funcionários, já citado nesta pesquisa, o qual foi aluno da instituição na década 80, S. M. de B., 46 anos:

Fui aluno da Pestalozzi desde 03 de abril de 1982 e fiquei até 17 de Dezembro de 1985, quando me afastei como aluno, porém sempre acompanhando o desenvolvimento da instituição. Eu vi esse prédio sendo construído, nunca me desliguei, sempre sabendo o que estava acontecendo, nunca deixei de acompanhar. Em fevereiro de 1990, vim na Pestalozzi porque gostaria de trabalhar, nessa ocasião a vice-diretora era Lucia Inez Buainain e a diretora Irene Diniz e a presidente era a professora Elisa Cesco, então vim para ver se havia probabilidade de voltar para instituição para trabalhar. No dia 15 de março de 1990, retornei como funcionário. Fiquei 16 anos na recepção da escola e depois na recepção da saúde, fiquei por um bom bocado na recepção da saúde, daí vim pra secretaria da escola até 2011. Daí com o projeto de



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

comunicação foi criado e é onde estou hoje. A instituição me representa mais do que escola e educação, as pessoas que tem aqui dentro são minha família, considero a todos (alunos e professores) como minha família. A instituição para mim é minha segunda casa. (S. M. B., funcionário e ex aluno da Pestalozzi)

De acordo com o relato acima descrito, podemos afirmar a importância do trabalho especializado com as pessoas com deficiência. Notamos que a instituição cumpre sua missão que é o de promover o bem estar social e promover o exercício da cidadania, transformando pessoas, antes tidas como incapazes, em protagonistas de sua própria história, mostrando à sociedade que a deficiência física pode limitar, mas não incapacitar totalmente o ser humano.

Na Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE), a diretora juntamente com a coordenadora pedagógica, apresentaram toda a instituição e fomos levados até a biblioteca onde pudemos ver as poucas fotos antigas que ainda restam e laudos de alguns alunos de 1980 e 1981, porém não foi permitido, naquele momento, tirar fotos ou cópias desses laudos. Apenas registramos que em sua chegada, o aluno era analisado por pedagogo, psicólogo e terapeuta, recebendo laudos com diagnóstico.

[...] A “clientela” para ser atendida e considerada “excepcional”, assim denominada no referido texto legal, deveria ser diagnosticada por equipe credenciada por órgãos oficiais afins, inclusive os “deficientes mentais”, à época classificados como educáveis, treináveis e dependentes, que, mediante avaliação, seriam definidos seus encaminhamentos e tipos de atendimento que necessitariam, caso essa avaliação ocorresse.[...] (OLIVEIRA, 2004, p. 68-69)

Aqui também foram feitas novas tentativas para coletar e digitalizar documentos, mas sem sucesso. A direção informou que fez solicitação à presidência da instituição, mas não recebeu retorno em tempo hábil para liberação dos arquivos para essa pesquisa. Abaixo, algumas fotos que conseguimos coletar para registro.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS



Primeira instalação da APAE em Campo Grande



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS



A sala de aula

Percebemos em nossa pesquisa, que em Campo Grande, as instituições multiplicaram-se, e vem se equipando e modernizando com vistas a responder à atual necessidade da população. Com a tecnologia hoje disponível, ficará mais fácil registrar todo o processo de desenvolvimento dessas instituições facilitando assim toda pesquisa em torno da educação especial.

Destacamos aqui a importância da realização dessa investigação e como perspectiva vislumbramos a sua continuidade por meio de outros projetos que possam, num período maior, continuar o registro de fontes da história dessas instituições como forma de registrar a memória e a história da educação especial em nosso Estado.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida

À minha orientadora Celi Correa Neres, pela atenção, respeito e orientação segura.

À equipe de Divisão de Pesquisa, pelo apoio.

Às diretoras e às equipes das instituições pesquisadas, que permitiram acesso aos dados colhidos.

À UEMS e CNPq, pelo incentivo no ingresso no programa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. As Pesquisas sobre instituições escolares: o método Dialético marxista de Investigação. In: **ECCOS** - Revista Científica do Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, v.7, n.2,p.351-368, jul./dez.2005.

_____. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas: Alínea, 2009.

FIGUEIRA, Kátia Cristina. **Projeto de Pesquisa Centro de documentação em educação, diversidade cultural e linguagens de Mato Grosso do Sul**. UEMS: PROPP, 2013.

GATTI JÚNIOR, Décio A Situação da Pesquisa Histórica sobre as Instituições Educacionais Brasileiras. **Revista da Universidade Federal de Mato Grosso**, Cuiabá, v.10, n. 018 Jul/Dez – 2001. Disponível na internet via www url: http://www.ufmt.br/revista/edições__anteriores.htm. Acesso em: 28 ago. 2005.

JANNUZZI, Gilberta M. **A educação do deficiente no Brasil- dos primórdios aos dias atuais**. Campinas- SP: Autores Associados, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Repertórios).

LUDKE, Mendes; ANDRÉ, Marli, E.D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARQUEZINE, Maria Cristina. **Tópicos de metodologia de pesquisa para educação especial.** 2009.

MAZZOTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil: História e Política Públicas.** São Paulo: Cortez, 1999.

MAZZOTTI, Alda, j. GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas ciências naturais e sociais- pesquisa quantitativa e qualitativa.** 2ª. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 1999.

NERES, Celi C. **Educação Profissional do portador de Necessidades Especiais, para quê? (o caso de Campo Grande-MS).** Campo Grande, UFMS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)

NERES, Celi C. O público e o privado na história da educação especial. **Revista HISTEDBR.** Campinas, 2006. Disponível em: On-line,. http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis11/art6_11.htm. Acesso em: 16. de maio 2014.

SANFELICE, José Luis. História, Instituições escolares e gestores educacionais. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006.

_____. História e historiografia de instituições escolares. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, n. 35, p.192–200, set. 2009.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line.** Campinas, n. especial, p.192–200, set. 2009.